GLOSSÁRIO LOOKING: AS LOCUÇÕES LGBTQIAP+ NAS OBRAS AUDIOVISUAIS DO CANAL HBO

LOOKING GLOSSARY: *LGBTQIAP+ PHRASES IN AUDIOVISUAL WORKS FROM HBO CHANNEL*

Pauler Castorino[1]
[https://orcid.org/0000-0002-9220-1146]

Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves[2]
[https://orcid.org/0000-0002-4796-0346]

Vanessa Regina Duarte Xavier[3]
[https://orcid.org/0000-0001-6718-2361]
DOI: http://doi.org/10.30612/raido.v15i39.14742

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar o processo de criação de um glossário de locuções LGBTQIAP+ retiradas das legendas das séries e do filme *Looking*, de Haigh (2014; 2015; 2016), do canal por assinatura *HBO*. Como etapa de elaboração, discutiu-se, previamente, conceitos basilares para o estudo em vigor, a exemplo da existência de uma linguagem LGBTQIAP+ a partir dos pressupostos de Cameron e Kulick (2003), Souza (2018) e outros; fundamentou-se, igualmente, a pesquisa no campo epistemológico da Lexicografia prática, ciência do léxico, voltada a confecção de obras de referência, tais como dicionários, glossários e vocabulários (cf. HARTMANN; JAMES, 1998; DAPENA, 2002). De modo subsequente, subdividiu-se a metodologia em: revisão de literatura; coleta das locuções e de suas abonações nas legendas das produções audiovisuais mencionadas, via ferramenta *Concord* do *WordsSmith Tools*, de Scott (2012); cotejo das locuções inventariadas em um dicionário especializado na linguagem LGBTQIAP+, que serviu como um *corpus* de exclusão; e, para finalizar, delimitação da microestrutura do glossário, respaldando-se em Biderman (1993; 1984a, 1984b), Coelho (2008) etc. O produto dessa investigação é o *Glossário Looking*, o qual contém vinte (20) locuções que fazem parte da linguagem LGBTQIAP+ representada na série e no filme. Os resultados corroboram, também, para estudos sobre a linguagem da comunidade supracitada, especialmente o léxico, uma vez que ele só ganha sentido em situações interacionais entre membros do próprio círculo.

Palavras-chave: Lexicografia; Glossário; comunidade LGBTQIAP+; *Looking*.

1 Universidade de São Paulo (USP)
2 Universidade Federal de Catalão (UFCAT)
3 Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

ABSTRACT: This article aims to present the process of creating a glossary of LGBTQIAP+ voice-overs taken from the subtitles of the series and movie *Looking*, by Haigh (2014; 2015; 2016), of the subscription channel *HBO*. As an elaboration step, we previously discussed concepts that are fundamental to the current study, such as the existence of an LGBTQIAP+ language based on the assumptions of Cameron and Kulick (2003), Souza (2018) and others; we also based the research on the epistemological field of practical lexicography, science of the lexicon, focused on the production of reference works, such as dictionaries, glossaries and vocabularies (cf. HARTMANN; JAMES, 1998; DAPENA, 2002). Subsequently, the methodology was subdivided into: literature review; collection of the locutions and their abonations in the subtitles of the audiovisual productions mentioned, the *Concord* tool from *WordsSmith Tools*, by Scott (2012); collation of the locutions inventoried in a dictionary specialized in the LGBTQIAP+ language, which served as an exclusion corpus; and, finally, delimitation of the glossary's microstructure, based on Biderman (1993; 1984a, 1984b), Coelho (2008), etc. The product of this research is the *Looking Glossary*, which contains twenty (20) locutions that are part of the LGBTQIAP+ language represented in the series and in the film. The results also corroborate studies on the language of the community, especially the lexicon, since it only makes sense in interactional situations among members of the circle itself.

Keywords: Lexicography; Glossary; LGBTQIAP+ community; *Looking*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A representatividade é o processo cultural pelo qual as identidades individuais e coletivas são estabelecidas e expostas. Por meio dela, toma-se conhecimento sobre os sujeitos e o que eles representam em nosso ambiente, dado que "os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar" (WOODWARD, 2014, p. 18). Essa representação e, consequentemente, o ato de se identificar e se empoderar, pode ser exposta em diferentes âmbitos, por exemplo, na arte, na comunicação, por meio de produções audiovisuais, musicais e, até mesmo, na Literatura. Em nossa perspectiva, tal concepção se inter-relaciona, igualmente, com o conceito de visibilidade que, por sua vez, significa tornar visível ou trazer para o centro das discussões assuntos relacionados a grupos minoritários[4], uma vez que a "visibilidade é mostrar que aquele tipo de pessoa, comportamento e/ou opção sexual existe e está na sociedade" (FERREIRA, 2017, p. 21).

Ao levantar esse debate, expõe-se a série *Looking* (2014; 2015) e o filme *Looking: the movie* (2016) que trazem visibilidade e representatividade à comunidade LGBTQIAP+[5] ao contar a história de três amigos gays, em suas vidas cotidianas, evitando ao máximo estereotipá-los. A saber, a série do canal *HBO* teve duas temporadas entre os anos de 2014 e 2015 e foi finalizada contabilizando dezoito episódios de

4 Vê-se aqui como minoria: "grupos historicamente oprimidos, seja socialmente, economicamente, politicamente e/ou culturalmente" (FERREIRA, 2017, p. 20).

5 Segundo Nascimento (2021, p. 14), a sigla significa: "Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais, Arromânticas, Agênero, Pansexuais, Polissexuais e não-cis que não se considere trans ou ainda qualquer uma das definições atribuídas na sigla".

CC BY NC SA

trinta minutos cada. Posteriormente, no ano de 2016, o referido canal lançou o filme, derivado do seriado, que tinha como intuito finalizar a história dos personagens iniciada no programa. A história passava-se em São Francisco-Califórnia e foi dirigida e escrita por Andrew Haigh.

No tocante ao enredo, frisa-se os três personagens principais, os quais são apresentados em uma espécie de crônica televisiva, na qual o telespectador acompanha os protagonistas em seus dilemas profissionais, sexuais e pessoais. São eles: (i) Patrick, vivido pelo ator Jonathan Groff, que está dividido entre dois amores, além de se preocupar com a opinião de seus pais e amigos sobre sua sexualidade; (ii) Agustín, atuado por Frankie J. Alvarez, que prefere viver os seus próprios desejos, ignorando o sentimento das pessoas ao seu redor; e, (iii) Dom, interpretado por Murray Bartlett, que lida com o fato de estar se tornando mais velho e não ter adquirido, ainda, um sucesso profissional e um namoro estável.

A importância da obra audiovisual do canal *HBO* está na representação e na visibilidade da comunidade LGBTQIAP+ em apresentar movimentos corriqueiros desse grupo. A nosso ver, esse retrato não se limita apenas as vivências dos personagens e de seu círculo social, mas, também, ao léxico que complementa e, semelhantemente, simboliza o grupo. Assim, escolheu-se tais obras como *corpus* pelos motivos mencionados e por serem relativamente recentes, visto que a série completou sete anos desde sua estreia, enquanto o filme *Looking: the movie* (2016) estreava no canal *HBO* há cinco anos.

Por essa razão, o artigo em pauta pretende inventariar as locuções presentes nas legendas, traduzidas para o português, das séries e do filme supracitados, para que, posteriormente, possa ser criado um glossário referente ao léxico da comunidade LGBTQIAP+ retratada nas produções. Para isso, a fundamentação teórica será dividida em dois momentos. No primeiro, argumenta-se o grupo em questão contém um linguajar ou léxico especifico mediante Cameron e Kulick (2003), Souza (2018) e mais. No segundo, fundamenta-se o estudo no domínio da Lexicografia, especialmente naquela de vertente prática, sob os pressupostos de Hartmann e James (1998), Gonçalves (2015) e outros.

O percurso metodológico é constituído de algumas etapas, a constar: *a)* levantou-se bibliografias sobre Lexicografia e sobre Linguagem LGBTQIAP+; *b)* arrolou-se as locuções e seus respectivos contextos de aparecimento, com o auxílio do programa *WordSmith Tools*, de Scott (2012), particularmente pelo concordanciador da ferramenta; *c)* confrontou-se os lexemas complexos, inventariado das legendas, na obra lexicográfica especializada *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, de Vip e Libi (2013), para verificar se as unidades já estavam dicionarizas ou não; nesse sentido, esse dicionário serviu como um *corpus* de exclusão; e, ao final, *d)* demarcou-se a microestrutura do glossário mediante a fundamentação teórica e, em sequência, construiu-se a obra proposta.

Esse artigo está organizado em: discussões acerca da linguagem LGBTQIAP+; fundamentação teórica, em que serão apresentados os conceitos de macro e microestrutura, em seguida, será feita uma distinção entre dicionário, vocabulário e glossário; percurso metodológico da pesquisa, visando elucidar sobretudo como ocorreu a construção do glossário; e, por último, apresentação das entradas do *Glossário Looking* na íntegra.

De modo geral, espera-se que esta investigação contribua para maior visibilidade da linguagem utilizada pela comunidade LGBTQIAP+.

1 EXISTE UMA LINGUAGEM LGBTQIAP+?

Segundo os pressupostos de Souza (2018), os estudos referentes à linguagem LGBTQIAP+ não são recorrentes na sociedade contemporânea, embora existam pesquisas sobre o assunto, desde a década de 1920. Por esse prisma, entende-se que pesquisas voltadas a essa temática são mais escassas, às vezes, marginalizadas no campo da Linguística. Assim, nesse tópico, almeja-se discutir, a partir de investigações antecessoras a essa, se existe uma linguagem LGBTQ. Para isso, começa-se com Cameron e Kulick (2003), que afirmam que pesquisas sobre a linguagem LGBTQIAP+ podem ser divididas em quatro etapas, as quais serão apresentadas ao longo desse segmento, a primeira delas no trecho a seguir:

> Desde a década de 1920 até a década de 1940, a homossexualidade era considerada patologia, uma perversão e uma ofensa criminal. A pesquisa precoce foi realizada por médicos e focada em confissões de pacientes pervertidos e como eles articularam suas perversões. Pensava-se que os pervertidos falavam um idioma particular, utilizavam as palavras de uma maneira também particular e usavam características linguísticas que podiam enquadrá-los como homossexuais (SOUZA, 2018, p. 16).

Os homossexuais, consoante o excerto, eram vistos como indivíduos pervertidos, além de que a forma de se relacionarem (e o modo de agirem) eram caracterizados como patologias, ou seja, um tipo de doença. A linguagem, nesse caso, era uma forma de identificar as pessoas da comunidade LGBTQIAP+. Em uma segunda etapa dos estudos referentes à fala desse grupo, nas décadas de 1950 e 1960, percebe-se o intuito de se afastar da imagem que os homossexuais tinham anteriormente, associada à perversão e à doença. Nesse sentido, estudiosos da própria comunidade começaram a investigar os seus linguajares, para se desvincularem da imagem construída anteriormente (SOUZA, 2018).

O terceiro momento ocorreu nas décadas de 1970 e 1980, nessa etapa, os teóricos da época viram os LGBTQIAP+ como uma minoria reprimida, assim como outros grupos. Dessa maneira, os pesquisadores observaram que os homossexuais tinham uma linguagem própria, destacando, ainda, que a comunidade, tal como outras, detinham marcadores próprios (CAMERON; KULICK, 2003). Isso é complementado na quarta etapa, iniciada na década de 1990, a qual deu maior enfoque em como a identidade é construída através da linguagem da comunidade, especialmente, em contextos interacionais. Em outras palavras, destaca-se a fala a seguir:

> Segundo Leap (1996), os homens *gays* aprendem a falar utilizando itens lexicais homossexuais com os outros integrantes da mesma comunidade, ir à biblioteca e assistir séries de televisão como *Queer as Folk*, *Will & Grace* e *Six Feet Under* ajuda-os nessa descoberta da linguagem *Gay* (LEAP, 1996 apud SOUZA, 2018, p. 17, *grifos do autor*).

Compreende-se, assim, que os sujeitos LGBTQIAP+ desenvolvem um vocabulário próprio quando se encontram em interação com outros membros da comunidade. Além

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 101 – 118 | set/dez 2021

disso, visualiza-se que produções audiovisuais e artísticas ajudam na difusão de um léxico particular do grupo. Nesse caso, presume-se que as obras *Looking* (2014; 2015; 2016) partilhem desse aspecto, visto que abarcam personagens que estão inseridos nesse círculo social e fazem uso dos lexemas[6] da comunidade.

Sobre a existência de um léxico específico usado por indivíduos homossexuais ou não, Souza (2018) pontua que:

> [...] rotular as características linguísticas como *gay* é muito geral e, também, corre-se o risco de não ser suficientemente geral ao simplesmente atribuir significados homossexuais a características linguísticas como *gay* que são compartilhadas em toda a sociedade (SOUZA, 2018, p. 26, *grifos do autor*).

Em vista disso, não se pode generalizar a linguagem ou rotulá-la como exclusiva de um grupo, seja étnico ou de determinada orientação sexual, visto que ela pode ser usada por todos os falantes. Aliás, socialmente, pode parecer pretencioso e, ao mesmo tempo, preconceituoso certificar que há unidades lexicais que só pessoas LGBTQIAP+ usam, uma vez que "a linguagem responde a uma necessidade natural da espécie humana, a de comunicar-se" (FIORIN, 2013, p. 13-14). Sendo assim, enfatiza-se a dificuldade em estabelecer se existe ou não uma linguagem própria da comunidade.

Por sua vez, em que pesem tais ponderações, considera-se que mediante "um contexto adequado, uma situação de diálogo entre os integrantes da comunidade homossexual, podemos afirmar a existência de uma *Gay Language*, ou seja, linguagem *gay*", consoante Souza (2018, p. 28, *grifos do autor*). Em concordância com a ótica do autor, julga-se que há uma linguagem LGBTQIAP+ que é posta em prática quando indivíduos dessa comunidade estão em diálogo com membros do próprio grupo. Diz-se isso, retomando Fiorin (2013, p. 13-14), para quem "a língua é um sistema de signos específicos aos membros de dada comunidade", ou seja, existe um rol de lexemas no sistema linguístico que estão disponíveis para o uso dos falantes e, nessa perspectiva, vê-se que certos círculos utilizam determinados jargões, gírias etc. que os representam.

Exemplifica-se tal raciocínio na transcrição (T) abaixo, retirada da legenda do quarto episódio da segunda temporada do programa exibida em 2015. Nela, Agustín brinca sobre os escritos de uma xícara, *I love anal*, em tradução livre, *eu amo anal*. A esse respeito, Eddie[7] ironiza-o, chamando-o de *rainha da Inglaterra*:

> T1: 02min-29seg
>
> (Agustín está tomando algo em uma xícara e nela encontra-se a seguinte escrita nela estampada, "I love anal", em tradução livre, "Eu amo anal")
>
> [Agustín] Sério?
>
> [Eddie] A *Rainha da Inglaterra* não aprova sexo anal?
>
> [Agustín] Não é isso. Eu também adoro.

6 Para Biderman (1984a, p. 139) lexema é a "unidade léxica abstrata que faz parte do léxico de uma língua. Ele se atualiza no discurso na forma de uma palavra flexionada com todas as marcas exigidas pelo contexto".

7 Personagem, interpretado por Daniel Franzese, introduzido na segunda temporada de *Looking* (2015) para ser par romântico de Agustín.

Ressalta-se que ambos os personagens são homossexuais, desse modo, mesmo a locução *rainha da Inglaterra* sendo comum no cotidiano, ela é vista através do seu contexto de uso como pertencente à linguagem LGBTQIAP+. Diante disso, deve-se interpretar a situação interacional deles e, igualmente, a temática da produção que dialoga com a comunidade. Isso, por sua vez, é ressaltado na afirmação em sequência:

> Em vez de ver o uso da linguagem simplesmente como manifestação do sistema, a *linguagem* como um conjunto de convenções sociais e estruturas mentais é somente um entre os vários recursos semióticos disponíveis para a produção e interpretação locais do texto. E, em vez de o sistema ser visto como o carregador principal do significado, o significado é analisado como um processo de fazer inferências no aqui e no agora, percorrendo todos os tipos de percepção, signo e conhecimento (RAMPTON, 2006, p. 117, *grifo do autor*).

À luz do teórico, entende-se que devesse ver a linguagem não apenas como um conjunto de convenções, mas sim analisá-la no "aqui e no agora", ou seja, deve-se observá-la no seu contexto de uso. Portanto, acredita-se que possa haver uma linguagem LGBTQIAP+ quando se foca no contexto em que as locuções estão inseridas, como é o caso de *ativo dominante*, *molhar a cueca*, *praia dos ursos*, dentre outras locuções inventariadas nessa investigação, que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+, por serem representativas desse universo, conforme o modo em que aparecem no discurso.

2 LEXICOGRAFIA: APONTAMENTOS TEÓRICOS

Para a criação de um glossário, mostra-se necessário se pautar nos estudos lexicográficos e seus fundamentos, pois esses apresentam suportes teóricos e metodológicos necessários para a construção de tal obra. Dapena (2002, p. 24, tradução nossa) diz que "a lexicografia é a disciplina que se ocupa de todas as questões relativas aos dicionários, tanto no que diz respeito a seu conteúdo científico (estudo do léxico), quanto à sua elaboração material e as técnicas adotadas em sua realização [...][8]", o que pode ser estendido a outras obras lexicográficas.

Conforme postulou-se, a Lexicografia é a ciência do léxico que se preocupa com os dicionários, seja em sua construção e/ou conteúdo. Hartmann e James (1998) subdividem essa disciplina em duas subáreas, sendo uma *prática* e outra *teórica*. A primeira, *Lexicografia teórica*, volta-se para a descrição, crítica e história de dicionários já existentes da língua; enquanto, a segunda, *Lexicografia prática*, relaciona-se diretamente com a elaboração de instrumentos lexicográficos (DAPENA, 2002).

Toda obra lexicográfica compartilha uma organização interna, denominadas de macro e a microestrutura, sendo que "a primeira corresponde ao número de palavras-entrada que o dicionário é composto e a segunda à estrutura que organiza os verbetes" (COELHO, 2008, p. 31). Há estudiosos do campo, a exemplo do mencionado, que caracterizam a macroestrutura como nomenclatura.

8 *"la Lexicografia es la disciplina que se ocupa de todo lo concerniente a los diccionarios, tanto em lo que se refiere a su contenido científico (estudio del léxico) como a su elaboración material y a las técnicas adoptadas en su realización [...]"* (DAPENA, 2002, p. 24).

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 101 – 118 | set/dez 2021

Gonçalves (2015, p. 55), por sua vez, diferencia esses conceitos, visto que a nomenclatura é "o conjunto das unidades léxicas descritas no dicionário e macroestrutura está relacionada ao modo de organização dessas unidades [...] em determinada ordem (alfabética, temática etc.)". Em outros dizeres, a nomenclatura se relaciona ao número de entradas e ao *corpus* do qual os lexemas foram extraídos, enquanto a macroestrutura é o modo como as unidades estão organizadas dentro da obra. Na prática, a nomenclatura do glossário proposto é constituída das legendas traduzidas das obras audiovisuais *Looking* (2014; 2015; 2016), ao passo que, optou-se em organizar a macroestrutura de maneira semasiológica, do significante para o significado, e as locuções foram ordenadas de maneira alfabética.

Fundamenta-se em Haensch *et al.* (1982, p. 41, tradução nossa), para definir microestrutura, os quais a entendem como "a ordenação dos elementos que compõem o artigo lexicográfico[9]", ou seja, interpreta-se por microestrutura o modo de organização das informações que integram o verbete nas obras lexicográficas. Por seu turno,

> Um verbete inicia-se sempre por uma *entrada*. Entende-se por entrada a unidade léxica a ser explicada e por verbete, a entrada e o conjunto de informações apresentado sobre ela. Esse conjunto de informações corresponde à estrutura do verbete, diz como ele se acha organizado internamente (COELHO, 2008, p. 33, *grifo do autor*).

Assim, estabelece-se que a microestrutura do *Glossário Looking* será composta, na respectiva sequência, pela: entrada, definição e abonação. Sob os fundamentos de Biderman (1984a, p. 138), compreende-se a entrada como "cada uma das palavras explicadas por um dicionário", essas, geralmente, são listadas em "ordem alfabética e na forma canónica ou lema". Por esse viés, a entrada é o lexema que está presente em obras lexicográficas sem nenhuma flexão, ou seja, no seu estado infinitivo, caso seja um verbo, enquanto os substantivos aparecem no masculino singular.

Nas palavras de Imbs (1960), há na Lexicografia uma arte tida como suprema, a saber, o ato de definição de um lexema. Esse é um dos principais pontos e dilemas de uma obra lexicográfica, além disso, arrisca-se a afirmar que é o ponto central de um dicionário, glossário e outros textos de consulta lexical (cf. GONÇALVES, 2015; COELHO, 2008). Com a intenção de demonstrar a complexidade desse aspecto, Biderman (1993, p. 34, *grifo da autora*) assevera que "a definição lexicográfica baseia-se numa análise semântica da palavra a ser definida. Nessa tarefa, o definidor deve ser rigoroso, estabelecendo uma equação sêmica e não uma adivinhação para que o *definiendum* seja identificado sem ambiguidade". Dizendo de outra forma, a definição lexicográfica deve resultar de uma investigação semântica referente à unidade definida; essa análise deve ser rigorosa e precisa, para que, quando o lexema for consultado, não haja dúvidas por parte do consulente.

O *definiendum*, palavra-entrada, pode ser: "1) uma classe, por exemplo, um animal, um planeta, 2) uma propriedade dos seres e objetos (a beleza, o comprimento), 3) uma função (vocábulos que exprimem ações processos e 4) uma relação (a ligação entre os signos linguísticos (preposição, conjunção)" (BIDERMAN, 1993, p. 24). Os

9 *"la ordenación de los elementos que componem el artículo lexicográfico" (*HAENSCH *et al.*, 1982, p. 41).

textos definitórios precisam, a partir de nossa interpretação, utilizar de uma linguagem simples e concisa para melhor compreensão do leitor e que partilham de uma equivalência semântica com o lexema apresentado na entrada. Para isso, atentou-se para as pontuações de Biderman (1984b) de que se devem definir os substantivos que nomeiam seres e objetos do seu sentido geral para o genérico, enquanto em nomes abstratos deve-se partir de significados abstratos, tais quais: ação, ato, estado, qualidade, fato e resultado.

Por último, tem-se as abonações, compreendidas por Coelho (2008, p. 40) como "citações de textos, literários ou não, em que a palavra-entrada aparece", sendo que, para ele essas "funcionam como forma de corroborar [com] a definição e atestar as informações de uso". Especialistas do campo lexicográfico, tal como Zavaglia (2012), diferenciam *abonação* de *exemplo*, vide trecho abaixo:

> a *abonação* [pode ser] aquela frase escrita por um grande escritor, podendo ser retirada de um livro ou de uma coleção de textos literários (*corpus*), que pode refletir, não raro, um uso idiossincrásico do autor, ao passo que *exemplo* é aquela frase escrita extraída de um *corpus* cuja origem não necessariamente é a literária, ao contrário, pode ser a jornalística, por exemplo, que reflete o uso real daquela unidade lexical (ZAVAGLIA, 2012, p. 161, *grifos da autora*).

Diante disso, usa-se o termo *abonação* nesse estudo, uma vez que foram retirados das legendas das produções audiovisuais, do canal *HBO*, as quais são reflexos do texto do roteirista e diretor. Considera-se, portanto, que esses expõem as locuções nas interações dos personagens e, consequentemente, tais situações de uso podem ser um fator para a melhor compreensão das locuções.

A Lexicografia, como foi observado, é um domínio relevante para a composição de um glossário, dado que fornece fundamentos sistematizados para a criação de tal obra. Em consonância ao exposto, serão apresentadas brevemente diferenças entre dicionário, vocabulário e glossário, para que sejam elucidados e diferenciados os conceitos de cada objeto lexicográfico, já que, no âmbito da própria área, mostram-se frequentes acepções parecidas quando se refere a esses artifícios (XAVIER, 2011).

Começa-se pelo *dicionário* de língua que, para Barbosa (2001), é o responsável por

> recuperar, armazenar e compilar lexemas efetivos, de freqüência regular, integrantes de diferentes normas; o *thesaurus linguae propõe-se* a compilar lexemas de alta, média, baixa e ínfima freqüência, de distribuição regular ou irregular entre os falantes, relativos a todas as variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas (2001, p. 40, *grifos da autora*).

A definição de dicionário, concerne-se à obra lexicográfica que intenciona compilar os lexemas de determinado sistema linguístico, seja através da frequência de uso ou não, desde que essas unidades sejam usadas efetivamente pelos falantes. Diferente do dicionário, o *vocabulário* trata-se dos "registros de vocábulos sem a respectiva significação" (CÂMARA JUNIOR, 1986, p. 24). Esse objeto, por sua vez, seria uma espécie de listagem de lexemas sem definições, sendo que essa tipologia geralmente é utilizada pelo consulente para conferir a grafia das palavras, de acordo com Câmara Jr. (1986).

Visa-se, nesse momento, a definir *glossário* à luz de Barbosa (2001, p. 35, *grifos da autora*):

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 101 – 118 | set/dez 2021

> [...] um *glossário stricto sensu* seria a obra lexicográfica que apresentasse unidades lexicais extraídas de um único texto manifestado e definidas em suas significações específicas, correspondentes a cada palavra-ocorrência, no mais alto nível de densidade sêmica, sem reunir num só verbete duas ou mais palavras-ocorrências com a mesma forma de expressão.

Segundo o excerto, o glossário é a objeto lexicográfico que exibe um rol de lexemas retirados de um mesmo texto com suas respectivas definições, diferentemente do vocabulário, por exemplo. Os glossários são destinados a textos específicos e geralmente são relativos a alguma obra literária, audiovisual, artística e, até mesmo, a textos especializados. Esse instrumento pode ser

> [...] de pequeno ou de médio porte, que não pretende ser exaustivo. Ele opera um recorte no acervo lexical da língua, ou seja, efetua um inventário limitado de signos linguísticos e, então, procede à sua definição através da descrição parcial ou total dos seus significados. Sua finalidade principal é ser um instrumental que sirva de suporte ao estudo de textos de uma mesma natureza ou de temática similar (XAVIER, 2011, p. 108).

Portanto, tal foi o motivo pelo qual optou-se pelos glossários para a construção de uma obra lexicográfica referente às produções audiovisuais do canal *HBO*, visto que eles têm como intuito apresentar os lexemas de determinado texto, nesse caso, as locuções extraídas das legendas da série e filme, seguidas de suas definições. Além do mais, julga-se que um glossário é capaz de representar parcialmente a linguagem da comunidade LGBTQIAP+, levando a uma melhor compreensão dos hábitos desse grupo na sociedade atual e possibilitando que lexicógrafos e/ou estudiosos possam vir a dar mais enfoque para o conjunto de locuções usadas por esses sujeitos em suas obras e/ou pesquisas.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Há necessidade de apresentar o percurso metodológico adotado nesta investigação, desde a etapa de levantamento bibliográfico até a etapa de construção/montagem do glossário proposto. Por esse prisma, expõe-se nessa seção os procedimentos empregados e manuseados para a composição do estudo. A princípio ocorreu a consulta de referenciais teóricos a respeito da Lexicografia, especificamente sobre macro, microestrutura e glossários, além de leitura de estudos relacionados ao campo LGBTQIAP+.

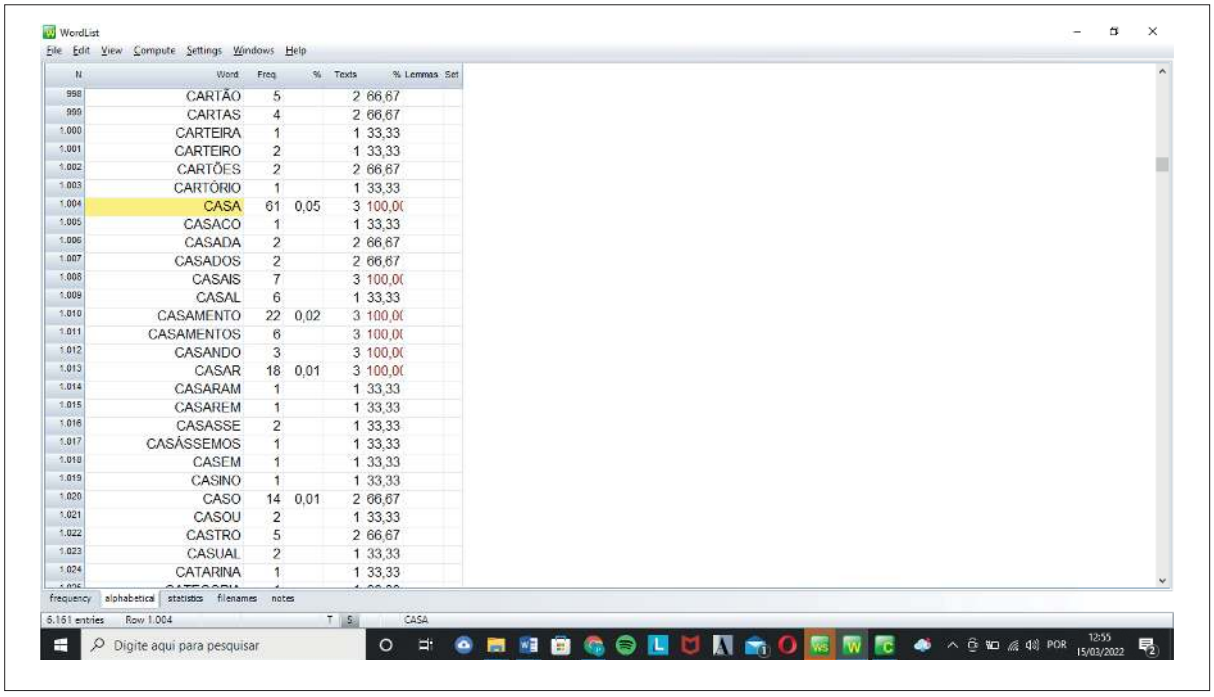
Houve, em sequência, uma preocupação com a *constituição*, *extração* e *coleta* dos lexemas que iriam constituir o produto do ensaio. Tal pauta "é um dos pontos principais no desenvolvimento de pesquisas que tenham como produto final um dicionário [glossário, vocabulário], seja ele geral ou especializado", de acordo com Costa (2015, p. 102). Na contemporaneidade, sobretudo na Lexicografia moderna, a nomenclatura de uma obra lexicográfica "é extraída de grandes *corpora* eletrônicos, assim como a sua significação e a sua contextualização" (ZAVAGLIA, 2012, p. 245, *grifo da autora*). A unidade *corpora*, citada pela especialista, designa conjuntos extensos de textos, os quais podem ser utilizados em diferentes estudos sobre fenômenos linguísticos.

Dito isso, enfatiza-se que, delimitou-se previamente de onde seriam retirados os lexemas, no caso, nas legendas das duas temporadas da série e, consequentemente, do filme derivado da produção audiovisual. Após restringir o *corpus* de análise, nossa atenção se voltou ao arrolamento das unidades lexicais nas legendas, a qual aconteceu sob o auxílio do programa computacional *WordSmith Tools*, versão 6.0,

> [...] desenvolvid[o] por Mike Scott, da universidade de Liverpool, [o qual dedica-se] a análises lexicais, como colocações, agrupamentos e dados estatísticos relacionados a esses e outros itens. Dadas essas características, a ferramenta apresenta-se como sendo de grande utilidade para desenvolvimento de glossários [tanto da língua geral, quanto da língua de] especialidade (RIBEIRO, 2004, p. 164).

Segundo o excerto, o mecanismo de Scott (2012) contribui para a análise lexical e para a criação de glossários, uma vez que uma de suas funções é criar listagem de unidades lexicais e gramaticais com as suas respectivas frequências, enquanto que, simultaneamente, consegue apresentar as combinações entre lexemas, ou seja, identifica locuções, fraseologismos etc. Por essa razão, manuseou-se duas ferramentas do *WordSmith Tools*, a saber: (i) a *Word List*, que apresenta o rol de itens lexicais e gramaticais usados em determinado *corpus* juntamente com suas ocorrências; e, (ii) o *Concord,* que demonstra a concordância dos lexemas uns com os outros e parte de seu contexto de uso. À frente, visualiza-se os artifícios mencionados:

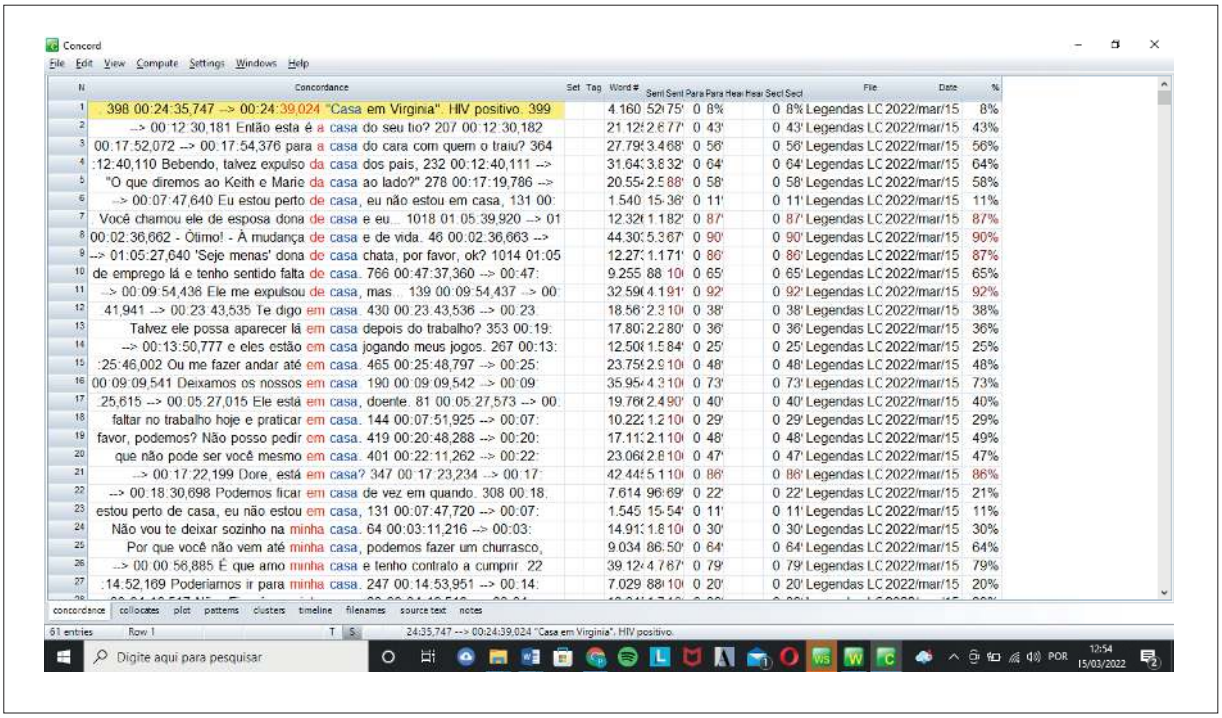
Figura 1: Amostra da *Word List* concebida a partir das legendas



Fonte: Os autores.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 101 - 118 | set/dez 2021

Figura 2: Concordanciador do item *casa* encontrado nas legendas



Fonte: Os autores.

Obteve-se, por intermédio da *Word List*, a informação de que o conjunto de legendas da obra audiovisual era composto por seis mil e cento e sessenta e uma (6.161) unidades, contando as gramaticais e lexicais. Desta feita, realizou-se a leitura atenta dessa listagem com o intento de coletar os lexemas que se voltassem à comunidade LGBTQIAP+. Por isso, mostrou-se imprescindível observar a situação de uso desses itens, mediante o *Concord*, tendo em vista que, anteriormente, fundamentos que a linguagem gay só ocorre nos contextos interacionais.

De modo posterior, enfatiza-se que foram inventariadas setenta e uma (71) unidades a respeito do referido grupo nessa etapa, a exemplo de *drag queen, veado, Grindr* e outras. Entretanto, viu-se a necessidade de delimitar os lexemas que comporiam o glossário porque o número inicial poderia ser extenso para a dimensão de um artigo científico. À vista disso, afunilou-se nas locuções inventariadas com a assistência do *Concord*, do *WordSmith Tools*, por serem recorrentes nas legendas da série e filme do canal *HBO*.

Em síntese, uma locução é a "combinação estável de dois ou mais termos, que funciona como um elemento oracional e cujo sentido unitário consolidado não se justifica, simplesmente, como uma soma do significado normal dos componentes[10]", segundo

10 *"[...] 'combinácion estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cujo sentido unitario consaleido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes'"* (CASARES, 1992, p. 70 apud PASTOR, 1996, p. 88).

Casares (1992, p. 70, apud PASTOR, 1996, p. 88, tradução nossa). Por outra forma, a locução ocorre no momento de concordância léxico-semântica entre duas ou mais unidades, ou seja, um elemento sintagmático é elevado a *status* de unidade por constituir um significado. Exemplifica-se esse conceito retomando a *figura 2*, pois na primeira linha do concordanciador é possível notar *casa em Virgína*, a qual dentro do contexto da série diz respeito à uma pessoa que convive com HIV-AIDS, afirma-se que essa unidade será apresentada na íntegra mais à frente.

A ferramenta *Concord* beneficiou, também, a coleta dos excertos de aparição das locuções nas legendas da série e do filme, sendo que essas citações foram usadas para compor as abonações de cada entrada do glossário. Feito isso, realça-se que os dados se limitaram a vinte (20) lexemas, os quais foram confrontados em um dicionário especializado, a *Aurélia, a dicionária*[11], organizado por Vip e Libi (2013). Caso houvesse locuções já dicionarizadas na obra, optava-se por não as contemplar no *Glossário Looking* porque já apareciam definidas em outra compilação lexicográfica, sendo assim, a obra de Vip e Libi (2013) serviu como um *corpus* de exclusão para a construção da nomenclatura do glossário aqui proposto. Todavia não ocorreram exclusões devido ao fato de nenhuma locução coletada ter sido encontrada na *Aurélia.*

Nos dizeres de Xavier (2011, p. 109), "os glossários, são o testemunho de um povo e de uma época, porque são fontes de conhecimento da língua e da cultura de uma civilização em um dado recorte temporal". Em outros termos, os glossários representam um dado momento de um círculo social, especialmente quando são fruto de um espaço-tempo delimitado. Além disso, a nosso ver, eles conseguem exprimir os ideais, as concepções e o modo de viver de uma comunidade em certa época, podendo, assim, ser representativo. Destarte, visa-se, neste momento, retomar algumas ponderações já estabelecidas a respeito do *Glossário Looking*, antes de mostrá-lo em sua totalidade, bem como acrescentar novas informações a ele.

Sobre as definições das locuções, ressalta-se o uso de uma linguagem concisa e simples, uma vez que os consulentes a quem se destina a obra são fãs e admiradores da série e filme, assim como a comunidade LGBTQIAP+ em geral, além de indivíduos e/ou estudiosos que tenham interesse em conhecer e/ou pesquisar o léxico da comunidade LGBTQIAP+. Por esse motivo, acrescentou-se rubricas em algumas entradas em forma de nota de rodapé, dado que

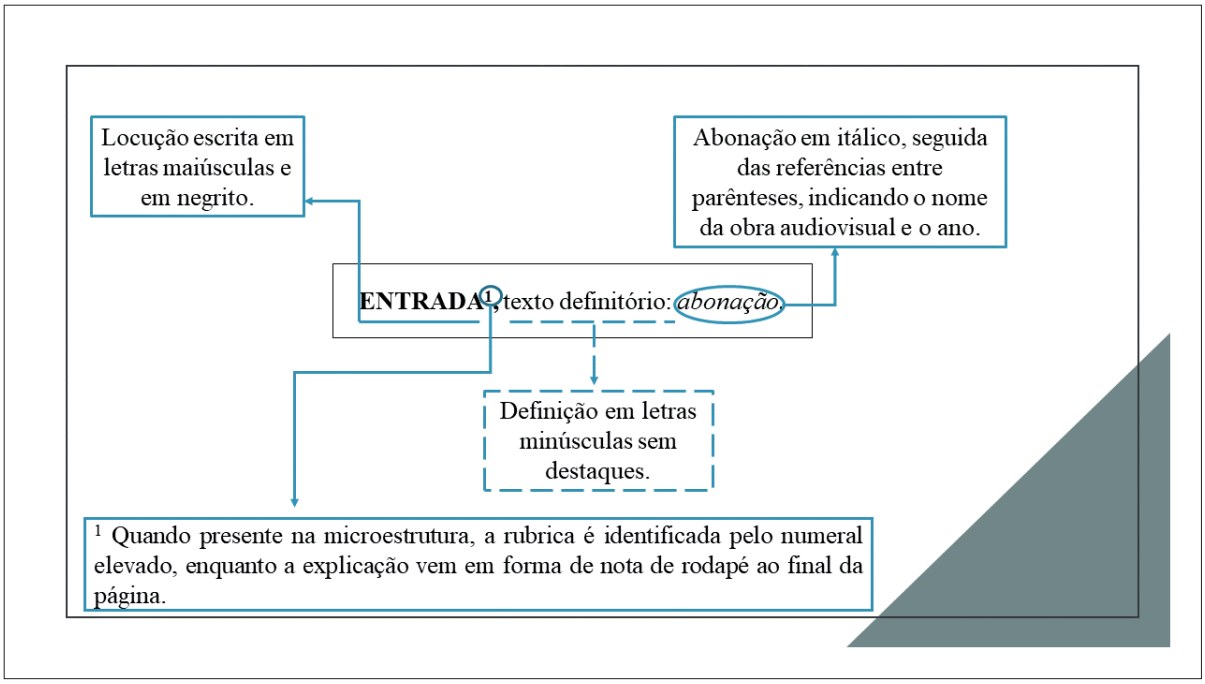
> [...] o rótulo 'rubrica temática' abarca uma diversidade de informações acerca da unidade léxica, isto é, além da indicação da área do conhecimento, os lexicógrafos utilizam esse campo para registrar outras informações, tais como: 'regionalismo brasileiro, tipo de linguagem, gíria, baixo calão ou lusitanismo' (Dic. Aurélio) (ABREU, 2016, p. 137).

Vê-se, portanto, a rubrica como um complemento de informações, as quais são importantes para a compreensão do conteúdo das entradas. Frisa-se, igualmente, a microestrutura, organização do verbete na obra lexicográfica, que ocorreu da seguinte maneira:

11 Dicionário referente à linguagem LGBTQIAP+.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 101 – 118 | set/dez 2021

Figura 3: Organização da microestrutura do *Glossário Looking*



Fonte: Os autores.

Lê-se, brevemente, a figura exposta do seguinte modo: no centro é localizada a microestrutura idealizada na pesquisa, a qual contém uma entrada, um texto definitório e uma abonação. Os balões presentes na imagem indicam como cada aspecto é identificado no texto, a exemplo das locuções escritas em letras maiúsculas e em negrito; a definição, em seguida, grafada normalmente; e, por fim, a abonação transcrita em itálico. Da mesma forma, a ilustração demonstra o local em que a rubrica é disposta, entre a entrada e a definição, na forma de numeral elevado, à medida que o complemento aparece em nota de fim de página. Ao postular esses aspectos, finaliza-se o tópico em pauta e, prossegue-se com o glossário construído na íntegra, na seção subsequente.

4. GLOSSÁRIO LOOKING

ATIVO DOMINANTE, característica do sujeito que desempenha um papel predominantemente ativo, aquele que pratica a penetração anal, em um ato sexual: – *Eu estou virando um ativo dominante* (*LOOKING,* 2015).

BATER BOLACHA, ato de chocar um pênis contra o outro: – *Nós fomos ao hotel, transamos ... jogamos Top Trumps no metrô .../ – É como bater bolacha para ativos?* (*LOOKING,* 2015).

BEIJO GREGO, ato sexual de lamber o ânus de outro indivíduo: – *A propósito, o beijo grego não é mais... só para gays* (*LOOKING,* 2015).

CADELA DO TRUVADA[12], qualidade depreciativa daquele que defende o uso de truvada: – *Você chamou o namorado de Richie de cadela do truvada* (*LOOKING*, 2015).

CASA EM VIRGÍNIA[13]**,** qualidade daquele que convive com o HIV/AIDS (PVHA): – *Um urso que cuida de pessoas trans... e tem uma casa em Virgínia / – Sempre quis visitar o sul. / – "Casa em Virgínia" ... ele é soropositivo* (*LOOKING*, 2015).

CHEFÃO DOS GAYS, qualidade daquele que é considerado um exemplo a ser seguido pelos homens homossexuais ou que possui características típicas de um líder do grupo: – *Brady se acha o chefão dos gays... Polícia do pensamento gay* (*LOOKING,* 2016).

DAMA DE DESONRA, qualidade do homossexual que acompanha amigos da comunidade LGBTQIAP+ ao altar: – *Oh meu Deus, estou tão contente por ter vindo. / – Ele não faria sem a dama de desonra. / – Eu não perderia isso por nada, tá zoando? Por favor!* (*LOOKING,* 2016).

FESTA DA SALSICHA, ato de reunir-se com muitos homens, fazendo analogia ao órgão sexual masculino: – *Iam para a festa da salsicha sem mim?* (*LOOKING,* 2015).

GAY FORTÃO, característica do homossexual musculoso, sobretudo aqueles que têm músculos evidentes: – *Ele contratou um gay fortão de 19 anos de LA* (*LOOKING,* 2016).

MÃE PELUDA, qualidade do homossexual acima do peso e peludo, que acolhe pessoas da comunidade LGBTQIAP+ em abrigos com o intuito de protegê-las, tendo, assim, um sentimento maternal em relação a elas: – *Trabalho em um abrigo que acolhe ... jovens gays e trans .../ – O quê? Está brincando. / – Sério? / – Sou o Santo Eddie a mãe peluda da missão* (*LOOKING,* 2015).

MARIA PURPURINA, qualidade da mulher que tem predominantemente amigos homossexuais, muitas vezes usada como ironia ou como ofensa: – *Maria purpurina. / – Você não me chamou disso* (*LOOKING,* 2015).

MASSAGEM COM FINAL FELIZ, característica da massagem que termina em sexo: – *Certo. Bem, eram... coisas pequenas, como... masturbação na sauna... ou massagem com final feliz* (*LOOKING,* 2015).

MOLHAR A CUECA, ato de sentir atração por outro homem, observa-se uma referência à secreção ou lubrificação peniana, muito comum quando os homens se sentem estimulados sexualmente: – *Eu acho que molhei a cueca* (*LOOKING,* 2015).

PASSIVO DOMINANTE, característica do sujeito que desempenha um papel predominantemente passivo, aquele que é penetrado, em um ato sexual: – *Ele é um passivo dominante? / – Isso, como você* (*LOOKING,* 2015).

PRAIA DOS URSOS, local em que se encontram homens fortes, gordos e peludos: – *Que cheiro de testosterona. É Praia dos Ursos* (*LOOKING,* 2015).

12 Truvada é um medicamento preventivo em caso de exposição ao vírus HIV/AIDS, conforme Queiroz e Souza (2017).

13 Durante buscas na *web*, encontrou-se a informação que o estado da Virgínia nos Estados Unidos tem muitas pessoas que convivem com o vírus HIV, segundo o *site* Rvanews (2018).

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 101 – 118 | set/dez 2021

PRAZER NO TRASEIRO, efeito causado pela penetração anal: – *Quer saber Paddy ...eu estou feliz por seu prazer no traseiro* (*LOOKING,* 2015).

RAINHA DA INGLATERRA, qualidade do homossexual antipático, muitas vezes usada com ironia: **– A Rainha da Inglaterra não aprova sexo anal?** (**LOOKING,** 2014).

RAINHA FOLSOM14, qualidade do homossexual que faz uso de vestimentas e acessórios relacionados ao universo masoquista: **– Meu Deus / – Olha só para você, Rainha Folsom** (**LOOKING,** 2014).

SENHORA DUVIDOSA, qualidade do homossexual que frequenta hotéis precários ou malcuidados para encontros sexuais casuais: **– Nossa / – Senhora duvidosa / – É nojento. Nem eu iria lá** (**LOOKING**, 2015).

SHERLOCK HOMO, qualidade do homossexual que investiga acontecimentos sobre amigos, em referência ao personagem da literatura inglesa Sherlock Homes, que é um exímio investigador: **– Certo, Sherlock Homo / – Malik e eu conversamos sobre termos um bebê** (**LOOKING,** 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escritora Cecília Meireles descreve em sua prosa *O livro da solidão*, no ano de 1998, página 270, que "o Dicionário é um dos livros mais poéticos, se não mesmo o mais poético dos livros. O Dicionário tem dentro de si o Universo completo". É possível interpretar, mediante o excerto, que um artefato lexicográfico (dicionário, glossário, vocabulário) possui uma vastidão por contemplar parte do léxico de uma língua, ou seja, ele é a representação ou "o tesouro léxico que a língua põe à disposição dos falantes do idioma", conforme Biderman (1984b, p. 27). Assim são os glossários, retratos e preciosidades linguísticas, os quais intentam dar visibilidade a determinados textos, levantando unidades específicas deles com a intenção de trazê-las à discussão e a compreensão do grande público.

Os glossários, como notou-se ao longo desse estudo, simbolizam um discurso específico, sobretudo trazem à tona o próprio léxico que "é enraizado aos costumes, às tradições, à moral de uma determinada cultura e de seus habitantes; ele expressa uma visão de mundo particular de uma língua específica", nos dizeres de Zavaglia (2012, p. 232). Por esse prisma, esse artifício lexicográfico estrutura e define lexemas que são significativos em alguma esfera social, a exemplo da comunidade LGBTQIAP+. Nesse viés, quando se asseverou sobre a representatividade e a visibilidade nas primeiras linhas desta pesquisa, limitaram-se elas apenas aos conteúdos artísticos e comunicativos, agora, em tal momento, justifica-se ampliar essa concepção ao glossário construído, o qual apresenta, de modo exíguo, mas, igualmente, necessário determinadas locuções usadas pelo grupo, em especial naquele retratado nas produções do canal *HBO*. Diz-se isso porque o léxico é a via linguística que os falantes usam para se expressar e se comunicar com o mundo externo e interno.

14 Folsom é um evento fetichista intitulado de *Folsom Street Fair* realizado na cidade de São Francisco - Califórnia.

Questiona-se, ainda, como a linguagem ou o léxico conseguem representar o sujeito, o que é respondido à frente:

> Mas como a linguagem constrói significados? Como sustenta o diálogo entre participantes de modo a permitir que eles construam uma cultura de significados compartilhados e interpretam o mundo de maneira semelhante? A linguagem é capaz de fazer isso porque ela opera como um *sistema representacional*. Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos. A linguagem é um dos 'meios' através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos (HALL, 2016, p. 18, *grifos do autor*).

No tocante à como se pode ter uma linguagem LGBTQIAP+, na verdade não há uma em que se pode afirmar "essa unidade é da comunidade", o que há são contextos, são interações que fazem determinado lexema ganhar uma acepção única dentro daquele grupo, o qual, provavelmente teria outro sentido em uma situação distinta. O fragmento de Hall (2016) discute, justamente, a forma como a linguagem é um meio pelo qual os indivíduos constroem conceitos para fomentar suas pautas sociais e individuais dentro do ambiente. Trazendo para as locuções definidas, percebeu-se que os personagens faziam uso delas enquanto interagiam entre si, especialmente, fazendo com que as unidades lexicais assumissem determinados sentidos dentro daquele contato particular.

A Lexicografia prática, por sua vez, auxiliou a confecção do glossário, fornecendo-nos conceitos e métodos de como estruturar a obra proposta. Dessa maneira, indaga-se a respeito da importância dessa ciência do léxico para a criação de materiais de consulta linguística, uma vez que a elaboração de um dicionário, glossário e vocabulários merecem atenção redobrada, não sendo um trabalho fácil, mas sim de muito rigor. Tem-se isso, pois é consenso entre pesquisadores da área que uma obra lexicográfica deve obedecer a certos parâmetros, com a intenção de deixar o produto coeso e acessível linguisticamente para o consulente.

Para terminar os debates aqui levantados, espera-se que o *Glossário Looking* represente, ainda que parcialmente, o léxico da comunidade LGBTQIAP+, sobretudo parte da comunidade que faça uso e/ou que conheça determinadas locuções dispostas nele. De modo similar, entende-se que uma pesquisa como esta não se cessa, tendo em perspectiva que o léxico é renovado constantemente, fazendo com que algumas locuções caiam em desuso, enquanto outras surgem com certa força dentro do próprio grupo, sendo assim, é importante ter uma atenção redobrada a esse domínio linguístico.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 101 – 118 | set/dez 2021

REFERÊNCIAS

ABREU, S. P. de. Dicionário Geral de Língua: entre o 'saber' e o 'saber fazer'. **In**: CATALÁ, S. Á.; BARITÉ, M. (Orgs.). **Teoría y praxis en terminología**. Montevideo: Bibliotecaplural, 2016. p. 135-150.

BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. **In**: ALVES, I. M. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. p. 23-45.

BIDERMAN, M. T. C. Glossário. **Alfa**, São Paulo, v. 28, p. 135-144, 1984a.

BIDERMAN, M. T. C. O dicionário padrão da língua. **Alfa**, São Paulo, v. 28, p. 27-43, 1984b.

BIDERMAN, M. T. C. A definição lexicográfica. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 10, p. 23-43, 1993.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de Linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMERON, D.; KULICK, D. **Language and sexuality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

COELHO, B. J. Dicionários: estrutura e tipologia. **In**: COELHO, B. J. **Linguagem**: Lexicologia e ensino de Português. Catalão: Modelo, 2008. p. 13-43.

COSTA, L. A. da C. **Reflexões sobre a variação terminológica na lexicografia corrente no Brasil e a construção das bases teórico-metodológicas para o dicionário de lexicografia brasileira**. 2015. 303 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Universidad Pompeu Fabra/IULA. São José do Rio Preto; Barcelona. 2015.

DAPENA, J. Á. P. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002.

FIORIN, J. L. A linguagem humana: do mito à ciência. **In**: FIORIN, J. L. (Org.). **Linguística?** Que é isso? São Paulo: Contexto, 2013. p. 13-43.

FERREIRA, G. B. **Representatividade do público LGBTQ+ na publicidade**. 2017. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Publicidade e Propaganda, Faculdade Anhanguera, Jacareí, 2017.

GONÇALVES, S. de C. P. **Lexicografia escolar**: reflexões iniciais. Goiânia: Gráfica UFG, 2015.

HAENSCH, G. **et al. La Lexicografia**: de la linguística teórica a la Lexicografia práctica. Madrid: Gregos, 1982.

HALL, S. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. **Dictionary of Lexicography.** London & New York: Routledge/Taylor and Francis, 1998.

IMBS, P. Au seuil de la lexicographie. **Cahiers de lexicologie**, n. 2, p. 3-17, 1960.

LOOKING: season 1. Produção de Andrew Haigh. Estados Unidos: HBO, 2014. 1 Streaming.

LOOKING: season 2. Produção de Andrew Haigh. Estados Unidos: HBO, 2015. 1 Streaming.

LOOKING: the movie. Produção de Andrew Haigh. Estados Unidos: HBO, 2014. 1 Streaming.

MEIRELES, C. **Obra em prosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

NASCIMENTO, F. A. **Nomear, classificar, existir**: um estudo das práticas discursivas como contribuição para a organização do conhecimento produzido por comunidades LGBTQIAP+. 2021. 276 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, 2021.

PASTOR, G. C. **Manual de Fraseologia Española**. Madrid: Gredos, 1996.

QUEIROZ, A. A. F. L. N.; SOUZA, A. F. L. de. Fórum PrEP: um debate on-line sobre uso da profilaxia pré-exposição no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, São Paulo, v. 33, p. 1-9, 2017.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. **In**: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 109-128.

RIBEIRO, G. C. B. Tradução técnica, terminologia e lingüística de corpus: a ferramenta Wordsmith Tools. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 14, p. 159-174, 2004.

RICHMOND'S HIV rate among highest in U.S. **Rvanews**, 2014. Disponível em: https://rvanews.com/news/richmonds-hiv-rate-among-highest-u-s/107299. Acesso em: 27 jul. 2018.

SCOTT, Mike. **WordSmith Tools**: version 6.0. Oxford: Oxford University Press, 2012.

SOUZA, G. A. de. **Gay language**: análise colocacional e a proposta de um glossário bilíngue de colocações baseado em corpus. 2018. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2018.

VIP, A.; LIBI, F. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Editora do Bispo, 2013.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **In**: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. (Orgs.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

XAVIER, V. R. D. Glossário de Manuscritos Goianos Setecentistas: critérios de elaboração. **Domínios da Lingu@gem**, Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 108-120, 2011.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: lexicografia. **In:** GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. de S. (Orgs.). **Ciências da linguagem**: o fazer cientifico? Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 231-265.

RECEBIDO: 05/07/2021
ACEITO: 16/03/2022